

VICTORIA AVEYARD

TEMPESTADE DE GUERRA

UMA ALIANÇA PRESTES A SE QUEBRAR.
QUAL PODER SERÁ MAIS FORTE?

Tradução

CRISTIAN CLEMENTE

GUILHERME MIRANDA

LÍGIA AZEVEDO

ZÉ OLIBONI

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

SÉRIE A RAINHA VERMELHA

vol. 1: *A rainha vermelha*

vol. 2: *Espada de vidro*

vol. 3: *A prisão do rei*

vol. 4: *Tempestade de guerra*

extra: *Coroa cruel*

CONTOS DIGITAIS

Canção da rainha

Cicatrizes de aço

Copyright © 2018 by Victoria Aveyard

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL War Storm

CAPA Sarah Nichole Kaufman

ARTE DE CAPA John Dismukes

PREPARAÇÃO Lili Fernandes

REVISÃO Renata Lopes Del Nero, Adriana Bairrada e Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Aveyard, Victoria

Tempestade de guerra / Victoria Aveyard ; tradução
Cristian Clemente, Guilherme Miranda, Lígia Azevedo,
Zé Oliboni. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2018.

Título original: War Storm.

ISBN 978-85-5534-055-0

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

17-01244

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500


www.seguinte.com.br


contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

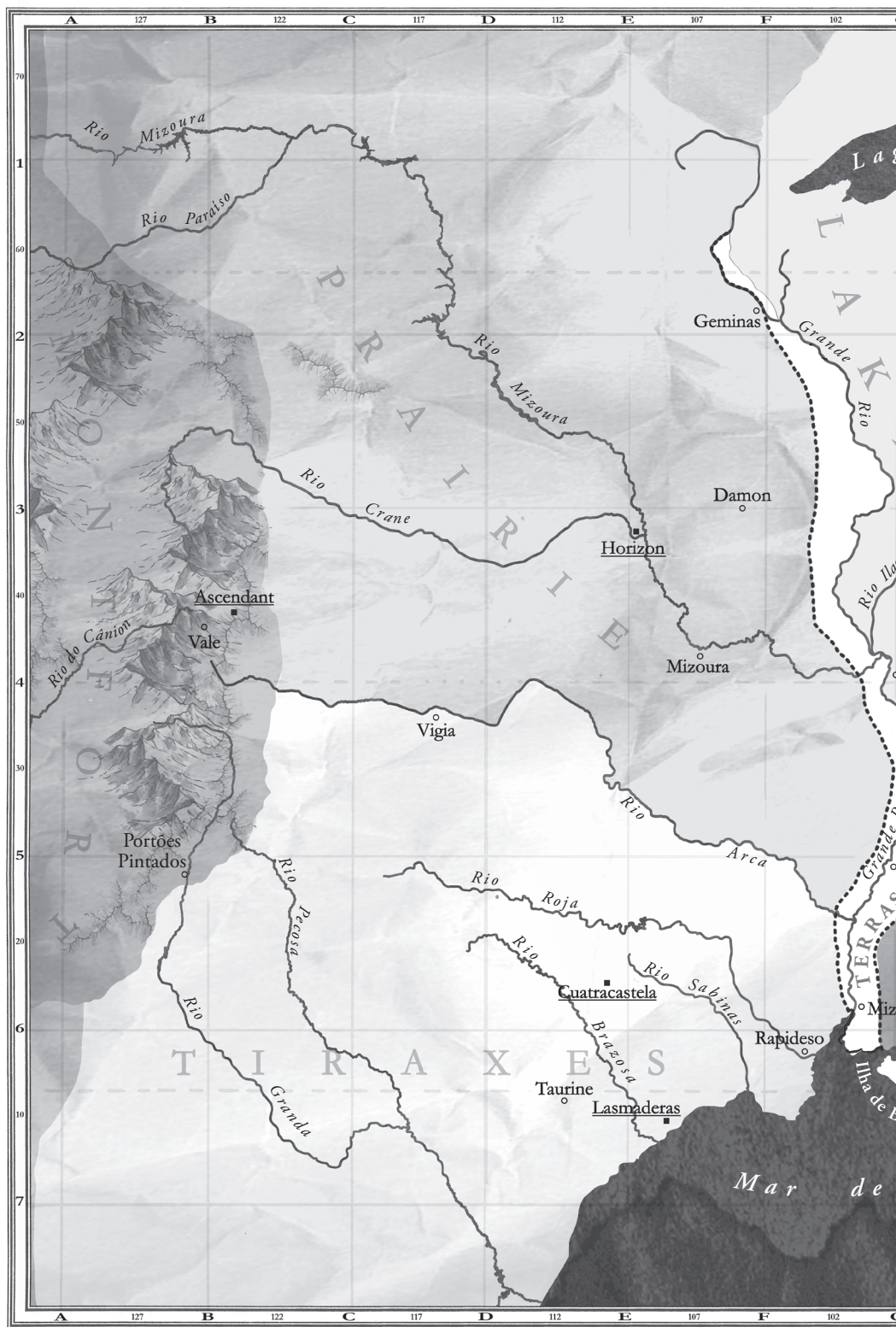
 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinte

 editoraseguinteoficial

*Para os meus pais, para os meus amigos,
para mim e para você.*





UM

Mare



FICAMOS EM SILÊNCIO POR UM LONGO MOMENTO.

Corvium se estende à nossa frente, cheia de gente, mas parecendo vazia.

Dividir e conquistar.

As consequências estão claras, as linhas foram nitidamente desenhadas. Farley e Davidson me encaram com a mesma intensidade, e eu os encaro de volta.

Imagino que Cal não tenha ideia, nem uma suspeita, de que a Guarda Escarlata e Montfort não têm a menor intenção de deixar que permaneça em qualquer trono que assumir. Imagino que se importa mais com a coroa do que com o que qualquer vermelho pensa. E imagino que não devo mais chamá-lo de Cal.

Tiberias Calore. Rei Tiberias. Tiberias VII.

É o nome que recebeu ao nascer, o nome que usava quando o conheci.

Ladra, ele me chamou então. Esse era o meu nome.

Queria poder esquecer a última hora. Voltar só um pouco atrás. Vacilar. Hesitar. Desfrutar por mais um segundo da estranha paz de sentir apenas a dor dos músculos cansados e dos ossos reparados. O vazio depois da adrenalina da batalha. A certeza de seu amor e de seu apoio. Mesmo com o coração partido, não consigo odiá-lo por sua escolha. A raiva virá depois.

A preocupação passa pelo rosto de Farley. A expressão não combina com ela. Estou mais acostumada à determinação fria ou à raiva vermelha vindas de Diana Farley. Sei que nota meu olhar pelo leve retorcer de sua boca marcada por uma cicatriz.

— Vou transmitir a decisão de Cal ao resto do Comando — ela diz, quebrando o silêncio tenso. Suas palavras são baixas e calculadas. — Só o Comando. Ada vai levar a mensagem.

O primeiro-ministro de Montfort assente.

— Muito bem. Acho que os generais Batedor e Cisne já devem ter uma ideia dos acontecimentos. Estão acompanhando a rainha Lerolan desde que se tornou parte do jogo.

— Anabel Lerolan ficou na corte de Maven por algumas semanas, o que é bastante — digo. De alguma forma, minha voz não vacila. As palavras saem uniformes e cheias de determinação. Preciso parecer forte, mesmo que não me sinta assim agora. É uma mentira, mas uma boa mentira. — Ela deve ter mais informações do que fui capaz de fornecer.

— Provavelmente — Davidson diz, pensativo. Ele estreita os olhos para o chão. Não à procura de algo, mas para se concentrar. Um plano se desenrola à sua frente. O caminho adiante não é fácil. Qualquer criança saberia disso. — E por isso mesmo tenho que voltar para lá — ele diz, quase pedindo desculpas. Como se eu pudesse ficar brava com ele por fazer o que é necessário. — Olhos e ouvidos atentos, está bem?

— Olhos e ouvidos atentos — Farley e eu respondemos em uníssono, surpreendendo uma à outra.

Davidson se afasta, saindo pela viela estreita. O sol reflete em seu cabelo grisalho brilhante. Ele teve o cuidado de se arrumar depois da batalha, para se livrar do suor e das cinzas, substituindo o uniforme manchado de sangue por um limpo. Tudo isso para manter a fachada calma, controlada e estranhamente comum de sempre. Uma sá-

bia decisão. Prateados devotam muita energia à aparência, a ostentar a força e o poder. Principalmente o rei Samos e sua família, na torre acima de nós. Perto de Volo, Evangeline, Ptolemus e da sibilante rainha Viper, Davidson mal é notado. Ele poderia se camuflar nas paredes se quisesse. *Não vão vê-lo chegando. Não vão ver nenhum de nós chegando.*

Solto um suspiro trêmulo e engulo em seco diante do pensamento que se segue. *Cal tampouco vai.*

Tiberias, tento me lembrar. Cerro o punho, enterro as unhas na pele e me satisfaço com a dor aguda. *Chame-o de Tiberias.*

As paredes escuras de Corvium parecem estranhamente silenciosas e nuas sem o cerco. Desvio os olhos da figura de Davidson se afastando e foco nos parapeitos da ala interna da cidade-fortaleza. A tempestade de neve congelante já passou faz tempo, a escuridão se dissipou, e tudo parece menor agora. Menos opressivo. Soldados vermelhos costumavam ser reunidos nesta cidade, em geral para marchar para a morte inevitável nas trincheiras. Agora os vermelhos patrulham as muralhas, as ruas, os portões. Sentam-se com reis prateados para falar de guerra. Alguns soldados com cachecóis rubros passam de um lado para o outro, seus olhos incansáveis, armas desgastadas à mão. A Guarda Escarlate não vai ser pega de surpresa, ainda que não tenha muitos motivos para ficar tão alerta. Pelo menos por enquanto. Os exércitos de Maven recuaram. E nem Volo Samos é tão corajoso a ponto de arriscar um ataque de dentro de Corvium. Não quando precisa da Guarda, precisa de Montfort, precisa de nós. Ainda mais considerando Cal — *Tiberias, sua tola* — e todo o seu papo-furado sobre igualdade. Como nós, Volo precisa dele. Precisa de seu nome, precisa da sua coroa, precisa que case com sua maldita filha.

Meu rosto queima. Sinto vergonha da faísca de ciúme que cresce dentro de mim. Perdê-lo deveria ser a menor das minhas preo-

cupações. Não deveria doer tanto quanto a possibilidade de morrer, de perder a guerra, de que tudo pelo que trabalhamos seja em vão. Mas dói. Tudo o que posso fazer é tentar suportar.

Por que eu não disse sim?

Recuei diante de sua oferta. Me afastei dele. Fui destroçada por outra traição — de Cal, mas também minha. Dizer “eu te amo” é uma promessa. Nós dois a fizemos e nós dois a quebramos. Deveria significar *escolho você acima de todo o resto. Te quero mais que tudo. Sempre vou precisar de você. Não consigo viver sem você. Farei qualquer coisa para impedir que nossos caminhos se separem.*

Mas ele não a manteve. Eu não a mantive.

Sou menos que sua coroa, e ele é menos que a minha causa.

E muito, muito menos, que meu medo de outra prisão. *Consorte*, ele disse, me oferecendo uma coroa impossível. Faria de mim sua rainha, se Evangeline pudesse ser deixada de lado *de novo*. Sei como é estar à direita do rei. Não quero voltar àquela vida. Ainda que Cal não seja Maven, o trono é o mesmo. Muda as pessoas e as corrompe.

Que estranho destino teria sido. Cal com sua coroa, sua rainha Samos e eu. Apesar disso, uma pequena parte de mim queria ter dito sim. Seria mais fácil. Uma oportunidade de largar tudo, recuar, *vencer* — e desfrutar de um mundo com o qual jamais poderia ter sonhado. Dar à minha família a melhor vida possível. Manter todos nós a salvo. E ficar com ele. Ficar ao lado de Cal, a garota vermelha de braços dados com um rei prateado. Com o poder de mudar o mundo. De matar Maven. De dormir sem ter pesadelos, de viver sem medo.

Mordo o lábio com força para afastar esse desejo. É sedutor e me faz quase compreender sua escolha. Mesmo separados, somos parecidos.

Farley se movimenta, chamando minha atenção. Ela suspira e apoia as costas na parede do beco, cruzando os braços. Diferente de

Davidson, não se deu ao trabalho de trocar o uniforme ensanguentado. O dela, sem poeira ou lama, não está tão nojento quanto o meu. Mas há sangue prateado nele, claro, que secou e parece preto. Faz poucos meses que Clara nasceu, e Farley ostenta a gordura extra na região do quadril com orgulho. Qualquer compaixão que sentisse desaparece, restando apenas a raiva brilhando em seus olhos azuis. Mas não é dirigida a mim. Farley olha para o alto e para a torre acima de nós. Onde o estranho conselho de prateados e vermelhos tenta decidir nosso destino.

— Era ele lá dentro. — Farley não espera que eu pergunte quem. — Cabelo prateado, pescoço grosso, armadura ridícula. Ainda respirando, mesmo depois de enfiar uma lâmina no coração de Shade.

Minhas unhas se enterram mais ao pensar em Ptolemus Samos. Príncipe de Rift. O homem que assassinou meu irmão. Como Farley, sinto uma explosão de raiva. Seguida pela vergonha.

— Sim.

— Porque você fez um acordo com a irmã dele. Sua liberdade em troca da vida dele.

— Para me vingar — murmuro, admitindo aquilo. — E sim, dei minha palavra a Evangeline.

Farley mostra os dentes, deixando o nojo evidente.

— Você deu sua palavra a uma prateada. Essa promessa vale menos que cinzas.

— Mas ainda é uma promessa.

Ela solta um ruído gutural no fundo da garganta, como um rosnado. Então endireita os ombros largos e vira para encarar a torre em sua totalidade. Imagino o esforço necessário para se conter e ficar ali em vez de marchar até lá e arrancar os olhos de Ptolemus. Eu não ia impedir se ela o fizesse. Na verdade, puxaria uma cadeira e ficaria assistindo.

Relaxo um pouco os dedos, para aliviar a dor. Em silêncio, dou um passo à frente, me aproximando dela. Após uma fração de segundo de hesitação, toco seu braço.

— Uma promessa que *eu* fiz. Não você. Ninguém mais.

Farley fica parada um instante, e sua careta se transforma num leve sorriso. Ela vira para me encarar, os olhos azuis brilhando ao refletir os raios do sol.

— Talvez você seja melhor em política do que na guerra, Mare Barrow.

Abro um sorriso dolorido.

— É a mesma coisa. — Uma dura lição que acho que finalmente aprendi. — Acha que pode fazer isso? Matar Ptolemus?

Normalmente, eu esperaria ela zombar e desdenhar da mera sugestão de que talvez não pudesse. Farley é uma mulher dura com uma casca ainda mais dura. Ela é o que precisa ser. Mas alguma coisa — provavelmente Shade, com certeza Clara, o elo que agora nos une — permite que eu enxergue de relance por trás da fachada segura e determinada da general. Ela fraqueja, e seu sorriso se apaga um pouco.

— Não sei — Farley murmura. — Mas nunca mais vou poder olhar para mim mesma, olhar para Clara, se não tentar.

— Nem eu, se deixar você morrer tentando. — Meu aperto em seu braço fica mais forte. — Não faça nenhuma idiotice.

Como se um botão tivesse sido apertado, o sorriso volta com força total. Ela dá até uma piscadinha.

— Desde quando faço idiotices, Mare Barrow?

Olhar para cima para encará-la faz um arrepio percorrer as cicatrizes no meu pescoço, as quais tinha quase esquecido. A dor provocada por elas parece pequena em comparação a todo o resto.

— Só me pergunto onde isso vai acabar — murmuro, esperando que me entenda.

Farley balança a cabeça.

— Essa é uma pergunta com respostas demais.

— Estou falando de Shade e Ptolemus. Se você o matar, o que vem depois? Evangeline mata você? Mata Clara? Eu mato Evangeline? E assim vai, sem fim?

A morte não me é desconhecida, mas isso parece bem diferente. Mortes calculadas. Como algo que Maven faria, não nós. Ainda que Farley tenha marcado Ptolemus para morrer muito antes, quando eu ainda me passava por Mareena Titanos. Mas aquilo era para a Guarda. Por uma causa, por outro motivo que não uma vingança cega e sangrenta.

Os olhos dela se arregalam, vibrantes e quase irreais.

— Você quer que eu o deixe viver?

— É claro que não. — Quase perco a paciência. — Não sei o que eu quero. Não sei do que estou falando. — As palavras se atropelam. — Mas fico imaginando o que pode acontecer, Farley. Sei o que o desejo de vingança e a fúria podem fazer com alguém, e com as pessoas ao redor. E é claro que não quero que Clara cresça sem mãe.

Ela vira de repente, escondendo o rosto, não rápido o bastante para esconder as lágrimas. Mas elas não caem. Farley puxa o braço, se soltando de mim.

Insisto. Tenho que insistir. Ela precisa me ouvir.

— Clara já perdeu Shade. Se tivesse que escolher entre vingança pelo pai e sua mãe viva, acho que sei o que escolheria.

— Falando em escolhas — ela diz entredentes, ainda sem me encarar. — Estou orgulhosa da que você fez.

— Farley, não muda de assunto...

— Você me ouviu, garota elétrica? — Ela funga e força um sorriso, virando de novo para revelar o rosto agora vermelho. — Eu disse que estou orgulhosa de você. É melhor anotar. Guardar na memória. Provavelmente não vai me ouvir falar isso de novo.

Contra vontade, solto uma risada sombria.

— Certo. Orgulhosa do quê, exatamente?

— Bom, além do seu grande talento para se vestir... — Ela passa a mão no meu ombro, espanando a poeira ensanguentada. — E da sua personalidade calma e bondosa... — Rio de novo. — Estou orgulhosa de você porque sei como é perder alguém que se ama.

Ela me pega pelo braço, provavelmente para que eu não fuja de uma conversa que não acho que esteja preparada para ter.

Mare, me escolha. As palavras foram ditas há apenas uma hora. Voltam para me assombrar com facilidade.

— Foi como uma traição — sussurro.

Foco no queixo de Farley para não ter que olhar em seus olhos. A cicatriz no canto esquerdo de sua boca é profunda, repuxando o lábio de leve. Um rasgo regular, feito por uma faca. Ela não tinha essa cicatriz quando nos conhecemos, à luz de uma vela, no velho trailer de Will Whistle.

— Da parte dele? Claro...

— Não. Não dele. — Uma nuvem cruza o céu, lançando sombras sobre nós duas. A brisa de verão sopra estranhamente fria. Tremo. Como se por instinto, penso em Cal e em seu calor. Ele nunca me deixava com frio. Meu estômago se contorce, cansado de recordar o que deixamos para trás. — Ele me fez promessas — continuo —, mas eu também fiz. E quebrei. E ele tem outras promessas para cumprir. A si mesmo, ao pai morto. Ele se apaixonou pela coroa antes de se apaixonar por mim, perceba isso ou não. E, no fim das contas, acha que está fazendo o que é certo por nós, por *tudo mundo*. Como posso culpá-lo por isso?

Meus olhos buscam os de Farley, à procura de uma resposta. Ela não tem uma, ou pelo menos não uma de que eu vá gostar. Ela morde o lábio, como se segurasse o que quer me dizer. Não funciona.

Ela zomba, tentando ser o mais gentil que consegue. Mordaz como sempre.

— Não dê desculpas para justificar o que ele fez e quem ele é.

— Não estou fazendo isso.

— É o que parece. — Ela suspira, exasperada. — Um rei diferente ainda é um rei. Ele pode ser um tonto, mas disso pelo menos sabe.

— Talvez fosse a coisa certa para mim também. Para os vermelhos. Quem sabe o que uma rainha vermelha poderia fazer?

— Muito pouco, Mare. Talvez nada — Farley diz, com uma certeza fria. — Qualquer mudança que pudesse vir de botar uma coroa na sua cabeça seria lenta demais, pequena demais. — Sua voz se abrandava. — E seria desfeita com facilidade. Não duraria. O que quer que conquistássemos morreria com você. Não me leve a mal, mas o mundo que queremos construir deve durar mais do que nós.

Para aqueles que virão depois.

Os olhos de Farley se fixam em mim, intensos e com seu foco quase inumano. Clara tem os olhos de Shade, não dela. Cor de mel, não do oceano. Imagino de qual dos dois ela vai puxar cada característica.

A brisa bate no cabelo recém-cortado de Farley, que ganha um tom dourado-escuro à sombra das nuvens. Por baixo das cicatrizes, ela ainda é nova, só mais uma filha da guerra e da ruína. Já viu coisas piores que eu, fez mais do que já fiz. Sacrificou e sofreu mais também. A mãe, a irmã, meu irmão e o amor dele. Quem quer que tivesse sonhado em ser quando pequena. Tudo desapareceu. Se consegue seguir em frente, ainda acreditando na nossa luta, eu também posso. Por mais que a gente tenha nossos conflitos, confio nela. Suas palavras são um conforto pouco familiar, mas necessário. Já cansei de passar tanto tempo na minha própria cabeça, discutindo comigo mesma.

— Você está certa.

Algo dentro de mim se desprende, permitindo que o estranho sonho da proposta de Cal espirale na escuridão. Para nunca mais voltar.

Não serei uma rainha vermelha.

Farley aperta meu ombro e dói. Apesar dos curandeiros, meu corpo ainda está sensível, e o aperto é anormalmente forte.

— Além disso — Farley acrescenta —, não seria você no trono. A rainha Lerolan e o rei de Rift deixaram isso bem claro. Seria ela, a garota Samos.

Debocho da ideia. Evangeline Samos deixou suas intenções bem claras na câmara do conselho. Fico surpresa que Farley não tenha notado.

— Não se ela puder evitar.

— Hã?

Seu olhar se afia, eu dou de ombros.

— Você viu o que ela fez, como te provocou. — A lembrança recente vem em um lampejo. Evangeline chamando uma criada vermelha na frente de todo mundo, esmagando uma taça, forçando a pobre garota a limpar tudo, só para se divertir. Para irritar cada pessoa de sangue vermelho na sala. Não é difícil entender por que fez aquilo, ou o que esperava alcançar. — Ela não quer participar dessa aliança, não quando significa casar com... Tiberias.

Farley parece ter sido pega de surpresa, o que não é comum. Ela pisca, perplexa e intrigada.

— Mas ela voltou à posição que ocupava lá no início. Achei... Quer dizer, não ousou entender o comportamento dos prateados, mas ainda assim...

— Evangeline é uma princesa por si só agora, com tudo o que sempre quis. Não acho que queira voltar a depender de alguém. Era só isso que o noivado dos dois significava para ela. E para ele — acrescento, com uma pontada no coração. — Um acordo por po-

der. Poder que agora ela já tem, ou — minhas palavras vacilam um pouco — poder que não quer mais.

Penso em Evangeline, no tempo que passei com ela em White-fire. Ficou aliviada quando Maven casou com Iris Cygnet em vez dela. E não só porque ele era um monstro. Acho que foi porque... havia outra pessoa com quem se importava mais. Mais do que consigo mesma ou com a coroa de Maven.

Elane Haven. Lembro de Maven dizer que ela era a prostituta da Evangeline quando sua Casa se rebelou contra ele. Não notei se ela estava no conselho, mas a maior parte da Casa Haven apoia a Casa Samos, sua aliada. Todos sombrios, prontos para desaparecer quando quiserem. Imagino que Elane poderia ter estado lá o tempo todo sem que eu jamais notasse.

— Acha que ela iria contra o acordo do pai? Se pudesse? — Farley parece um gato que acabou de apanhar um rato especialmente gordo para o jantar. — Se alguém... *ajudasse?*

Cal não recusou a coroa por amor. Seria Evangeline capaz de fazer isso?

Algo me diz que sim. Todas as suas manobras, a resistência silenciosa, a caminhada no fio da navalha.

— É possível. — As palavras adquirem um significado diferente para nós duas. Um novo peso. — Ela tem suas próprias motivações. E acho que isso nos dá certa vantagem.

Os lábios de Farley se curvam, chegando perto de um sorriso sincero. Apesar de tudo, sinto uma onda repentina de esperança. Ela dá tapinhas no meu braço, o sorriso se alargando.

— Então anote de novo, Barrow. Estou muito orgulhosa de você.

— Posso ser útil de vez em quando.

Farley solta uma risada e se afasta, gesticulando para que eu a siga. A avenida além do beco nos chama, com as pedras do calça-

mento brilhando conforme o resto de neve derrete sob o sol de verão. Hesito, relutante em deixar a segurança daquele recanto escuro. O mundo além deste espaço limitado ainda parece grande demais. A ala interna de Corvium se agiganta, com a torre principal no centro de tudo. Com a respiração trêmula, me obrigo a andar. O primeiro passo dói. O segundo também.

— Você não precisa voltar lá — Farley murmura, indo devagar para me acompanhar. Ela olha para a torre. — Eu conto como foi depois. Davidson e eu podemos lidar com tudo.

A ideia de voltar à câmara do conselho e ficar sentada em silêncio enquanto Tiberias joga tudo o que já fizemos na minha cara — não sei se consigo suportar. Mas preciso. Noto coisas que os outros não notam. Sei coisas que os outros não sabem. Tenho que voltar. Pela causa.

E por *ele*.

Não posso negar o quanto quero voltar por ele.

— Quero saber tudo o que você sabe — sussurro para Farley. — Tudo o que Davidson planejou. Não quero entrar em nada às cegas.

Ela concorda depressa. Quase depressa demais.

— Claro.

— Estou à sua disposição. Pode me usar como quiser. Com uma condição.

— É só dizer.

Meus passos desaceleram, e ela me acompanha.

— Ele tem que continuar vivo. Quando tudo isso acabar.

Ela inclina a cabeça, como um cão confuso.

— Pode acabar com a coroa, com o trono, com a monarquia. — Eu a encaro com tanta força quanto consigo reunir. O trovão no meu sangue responde com fervor, implorando para ser liberado. — Mas não com Tiberias.

Farley respira fundo, endireitando-se com toda a sua formidável altura. Sinto que consegue enxergar minhas intenções. Meu coração imperfeito. Sustento minha posição. Ganhei esse direito.

A voz dela vacila.

— Não posso prometer isso. Mas vou tentar. Vou tentar de verdade, Mare.

Pelo menos ela não mente para mim.

Me sinto partida ao meio, rasgada em direções diferentes. Tenho uma pergunta óbvia na cabeça. Outra escolha que posso ter que fazer. *A vida dele ou nossa vitória?* Não sei que lado vou escolher, se precisar. Que lado posso trair. A consciência disso corta fundo, e eu sangro onde ninguém mais pode ver.

Imagino que era disso que o vidente estava falando. Jon falou bem pouco, mas tudo o que me disse foi muito calculado. Por mais que não queira, tenho que aceitar o destino que ele previu.

Me levantar.

E me levantar sozinha.

Avanço pelo chão de pedra. A brisa volta a bater, vinda do oeste agora. Carrega consigo o cheiro inconfundível de sangue. Luto contra o impulso de vomitar quando tudo volta depressa. O cerco. Os corpos. O sangue de ambas as cores. O aperto de um pétreo fraturando meu pulso. Pescoços quebrados, peitos com a carne dilacerada, órgãos reluzentes, ossos afiados. Na batalha, era fácil ignorar o horror. Até necessário. O medo só me levaria à morte. Agora não mais. A velocidade do meu coração triplica e um suor frio escorre pelo meu corpo. Mesmo que tenhamos sobrevivido e *vencido*, o terror da perda abriu buracos enormes dentro de mim.

Ainda posso senti-los. Os nervos, o caminho elétrico que meus raios traçaram em cada pessoa que matei. Como ramos finos e brilhantes, cada um diferente do outro mas ao mesmo tempo iguais. Numerosos demais para contar. Em uniformes vermelhos e azuis, de Norta e Lakeland. Todos prateados.

Espero.

A ideia me atinge como um soco no estômago. Maven vinha usando os vermelhos como bola de canhão, escudos humanos. Nunca nem pensei na possibilidade. Nenhum de nós pensou — ou talvez os outros não se importassem. Davidson, Cal, talvez até Farley, se achasse que os fins justificavam os meios.

— Ei — ela murmura, pegando meu pulso. O toque de sua pele, com seus dedos parecendo algemas, me faz dar um pulso. Eu me solto à força, me debatendo com um som que mais parece um rosado. Fico vermelha, envergonhada por ainda reagir desse jeito.

Farley recua e ergue as mãos, com os olhos arregalados. Mas sem medo, sem julgamento. Nem mesmo pena. É *compreensão* que vejo nela?

— Sinto muito — diz depressa. — Esqueci do seu pulso.

Mal assinto, enfiando as mãos nos bolsos para esconder as faíscas roxas na ponta dos dedos.

— Tudo bem. Não é bem isso...

— Eu sei, Mare. Acontece quando diminuímos o ritmo. O corpo volta a processar as coisas. Às vezes é demais para suportar, não há vergonha nisso. — Farley inclina a cabeça, gesticulando para longe da torre. — E não há vergonha em tirar um descanso também. O acampamento...

— Tinha vermelhos lá? — Gesticulo na direção do campo de batalha e dos muros agora derrubados de Corvium. — Maven e Lakeland mandaram soldados vermelhos com o resto?

Farley pisca, claramente abalada.

— Não que eu saiba — ela finalmente responde, e ouço a tensão em sua voz. Tampouco sabe. Não *quer* saber, e nem eu. Não poderia suportar.

Viro, forçando-a a acompanhar meu ritmo, para variar um pouco. O silêncio retorna, agora carregado da mesma dose de raiva e

vergonha. Me afundo nele, torturando a mim mesma. Para me lembrar da aversão e da dor. Mais batalhas virão. Mais pessoas vão morrer, independente da cor do sangue. A guerra é assim. A revolução é assim. Outros vão ser pegos no fogo cruzado. Esquecer disso é condená-los de novo, e condenar os que virão a seguir.

Mantenho as mãos bem enfiadas nos bolsos conforme subimos os degraus da torre. A haste de um brinco alfineta minha pele, a pedra vermelha quente na minha mão. Devia jogá-lo pela janela. Se há algo que tenho que esquecer, é ele.

Mas o brinco continua onde está.

Lado a lado, voltamos à câmara do conselho. Os limites do meu campo de visão saem de foco, e eu tento me situar ali. Observar. Decorar. Procurar por falhas nas palavras ditas, encontrar segredos e mentiras no que deixam no ar. É um objetivo e uma distração. Então percebo por que estava tão disposta a voltar aqui, quando tinha todo o direito de fugir.

Não porque isso seja importante. Não porque posso ser útil.

Mas porque sou egoísta, fraca e medrosa. Não posso ficar sozinha, não agora, não ainda.

Então eu sento, ouço e observo.

E, o tempo todo, sinto seu olhar.

DOIS

Evangeline



SERIA FÁCIL MATÁ-LA.

Há um cordão de ouro rosé entre as joias vermelhas, pretas e laranja no pescoço de Anabel Lerolan. Uma torcidinha e eu romperia a jugular. Destruiria a obliquia e seus planos. Acabaria com sua vida e esse noivado na frente de todo mundo aqui. Minha mãe, meu pai, Cal — sem mencionar os criminosos vermelhos e as aberrações estrangeiras a quem estamos amarrados. Mas não Barrow. Ela ainda não voltou. Provavelmente ainda está chorando a perda de seu príncipe.

Levaria a outra guerra, claro, estilhaçar uma aliança já cheia de rachaduras. Eu seria capaz de fazer algo assim? Trocar minha lealdade pela minha felicidade? Sinto vergonha só de cogitar isso, mesmo na segurança dos meus pensamentos.

A velha deve sentir meu olhar. Seus olhos encontram os meus por um segundo, o sorriso em seus lábios é inegável enquanto volta a se acomodar na cadeira, resplandecente em vermelho, preto e laranja.

São as cores dos Calore, não só dos Lerolan. Suas alianças são claras como o fogo.

Com um arrepio, volto a atenção para minhas mãos. Uma unha está arruinada. Quebrou na batalha. Tomo fôlego e transformo um dos meus anéis de titânio em uma garra e a encaixo no dedo. Arranho o braço do meu trono, só para irritar minha mãe. Ela me olha de soslaio, a única evidência de seu desdém.